

**A RELAÇÃO
PÚBLICO-PRIVADO
NA FIGURA DE W.
CHURCHILL**

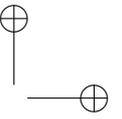
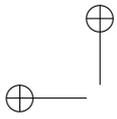


Américo Pereira

2007/2008

www.lusosofia.net





LUSOSofia:press

FICHA TÉCNICA

Livros **LusoSofia: Press**

Direcção: José Rosa & Artur Morão

Design da Capa: Atónio Rodrigues Tomé

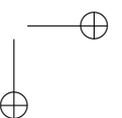
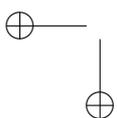
Logótipo: Catarina Moura

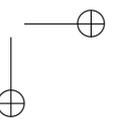
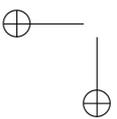
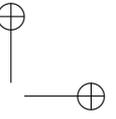
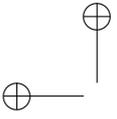
Composição & Paginação: José Rosa

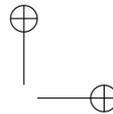
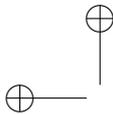
Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2008

Depósito Legal:

ISBN:







A Relação Público-Privado na Figura de Winston Churchill e o Determinante Cuidado com o Bem Comum

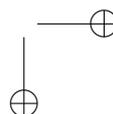
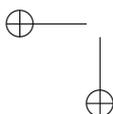
Américo Pereira
Universidade Católica Portuguesa

Índice

Introdução	1
1. A personalidade de Winston Leonard Spencer Churchill	2
2. O caso de Ramsgate	32
3. O público e o privado em causa neste exemplo	35
4. Conclusões	38

Introdução

Este breve estudo servirá para mostrar como o que há de mais privado na realidade humana, a própria constituição e experiência pessoal de cada indivíduo humano, de cada pessoa, tem uma influência decisiva no plano político, público por excelência, mas também *por necessidade formal própria*, dado que formalmente o público não pode não



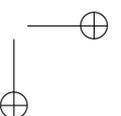
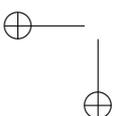


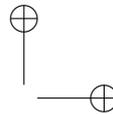
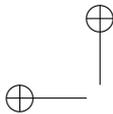
ser senão o topos da interacção das diferentes interioridades privadas, precisamente no momento em que e pelo qual transcendem a sua pura interioridade/privacidade. Num primeiro momento, definiremos o tipo de personalidade privada próprio do sujeito em causa; num segundo momento, apresentaremos a questão pública a enfrentar e resolver, bem como o contexto geral em que se manifestou; num terceiro momento, analisaremos o acto, ao mesmo tempo privado e público, com que a questão foi enfrentada e resolvida; num quarto momento, retiraremos as conclusões éticas e políticas que se impõem, sublinhando o carácter paradigmático do caso e do sujeito estudados.

1. A personalidade de Winston Leonard Spencer Churchill

Winston Spencer Churchill nasceu em 1874, sendo o primeiro filho de Lord Randolph Churchill e de Jennie Jerome, cidadã americana. Teve uma infância normal para uma criança da sua classe e tempo, de que guardou sobretudo a recordação da distância afectiva de seus Pais e da proximidade afectiva e de amizade da sua *nannie*.¹ Considerado por

¹ Sobre esta importante, mas discretíssima figura da vida de Churchill, diz Roy Jenkins: “[...] The other was Churchill’s nurse, Mrs Everest, who was engaged to look after him (and later his brother Jack) within a month or so of his birth. Elizabeth Everest was from the Medway Towns, and one of her lasting influences was to make Churchill feel that Kent was the best country in England. [É] There is no evidence that a spouse Mr Everest had ever existed, so that her ‘Mrs’ was purely honorary, like that of many housekeeper in the period. Although she had a sister (who was married to a prison warder in the Isle of Wight), to whose house she once took Winston to stay, thus giving him, it has been suggested, his only experience of humble life, she was able to concentrate almost all her affection upon the two Churchill boys. She was the central emotional prop of Winston’s childhood, and mutual dependence continued throughout his adolescence. The Randolph Churchills had not kept her on after the end of Jack’s childhood, but Winston at least maintained strong contact and visited





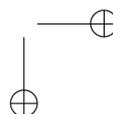
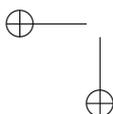
seu pai como intelectualmente inapto,² foi mandado seguir a carreira das armas, tendo ingressado na Academia Militar de Sandhurst, à terceira tentativa, em 1893, graduando-se em 1894, sem qualquer brilho especial. Pouco tempo passado, dando satisfação a duas tendências que sempre o irão acompanhar ao longo de seus longos dias, a de pessoalmente se impor por meio de mérito e de trabalho próprios, como resposta ao juízo desfavorável de seu pai, e, ainda relativamente a este, a de seguir o exemplo pessoal e político de Lord Randolph, começou a procurar situações que pudesse explorar em benefício do seu crescimento pessoal e ascensão financeira, social e política.

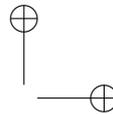
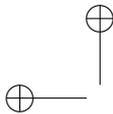
Fazemos notar, desde já, que toda a vida de Churchill irá decorrer numa dupla tensão entre a esfera privada e a esfera pública e, no seio desta mesma tensão, numa outra, interior a esta e sua motora, entre a imagem que vai de si mesmo construindo e a imagem negativa que herdou de seu pai,³ imagem que, aliás, não foi possível emendar

her several times in her final illness”, JENKINS Roy, *Churchill*, London, Pan Books, 2002, pp. 9-10

² Escreve a neta, Celia Sandys, citando Mary Soames, filha de Churchill: “Winston adorava a mãe, mas ela era uma mulher distante; quanto ao pai, devia infundir-lhe receio. Quando o meu pai cresceu e começaram a chegar os relatórios do colégio, o meu avô ficava furioso. O meu pai sempre procurou causar-lhe boa impressão. Lord Randolph convenceu-se de que Winston era preguiçoso, e nada inteligente. Quanto a mim, acho que o meu pai era muito bom nas coisas de que gostava e pelas quais se interessava, e extremamente fraco nas coisas que o aborreciam. Não me parece que fosse único nesse aspecto. O meu pai sentiu profundamente a morte de Lord Randolph. Recordo-me de, muitos anos mais tarde, poucos anos antes da sua morte, estar sozinha com o meu pai e perguntar-lhe: “Há algum aspecto na sua vida em que entenda que não foi bem sucedido?” Pensava que me responderia algo como: “Gostaria de ter ganho a Victoria Cross” - tenho a certeza de que sim -, mas respondeu-me sem perder grande tempo a pensar: “Claro que sim. Gostaria que o meu pai tivesse vivido o suficiente para ver que sou capaz de fazer alguma coisa bem feita”, SANDYS Celia, *Winston Churchill, pela sua neta Celia Sandys*, Tradução de Victor Antunes, Lisboa, Alêtheia Editores S. A., 2006, p. 14

³ “Winston Churchill’s non-relationship with his father was even more wistful than was his semi-relationship with his mother. [É] The most poignant comment on Winston Churchill’s relations with his father is that which he is reported to have





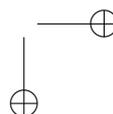
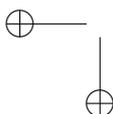
junto de Lord Randolph,⁴ dado que este faleceu exactamente no princípio do ano imediato àquele em que Winston se graduou de Sandhurst. Nasce, nesta tensão, o desejo de toda uma vida de fazer sempre o melhor possível quer ao nível pessoal privado quer ao nível pessoal público, sendo que, para Churchill, este desejo de perfeição era de tal modo avassalador que nada menos do que o mundo todo teria de ser o seu palco de realização. A evolução dos actos dos homens acabou por lhe proporcionar o palco adequado em 1940, quando teve de agir como protagonista num drama global, a Segunda Grande Guerra, primeira verdadeiramente mundial.⁵

Tendo sido incorporado, a 20 de Fevereiro de 1895, no famoso Quarto Regimento de Hussardos, sem comissão militar de qualquer valor, Churchill sentiu-se inútil, inutilidade a que se acrescentava o pesado fardo de não dispor de quaisquer outros meios de subsistência, para além de seu magro ordenado de oficial subalterno em início de carreira. Cedo esta dupla condição foi superada, pois o jovem Winston procurou intensamente um qualquer cenário militar em que pudesse satisfazer concomitantemente o desejo de valor pessoal e a necessidade pragmática de ganhar algum dinheiro para seu sustento pessoal,

made to his own son, [É] in the late 1930s, when that Randolph had twenty-six or twenty-seven. They had a long and maybe fairly alcoholic dinner together, alone at Chartwell. Towards the end Churchill said: 'We have this evening had a longer period of continuous conversation together than the total which I ever had with my father in the whole course of his life'.', JENKINS Roy, *Churchill*, London, Pan Books, 2002, p. 10

⁴ Ver nota 2

⁵ Este carácter mundial da Segunda Grande Guerra, pela essência mesma dos acontecimentos fundamentais na origem desta e que agiram como seus motores principais, transcendeu grandemente as meras esferas de tipo material, como a economia, a geografia, ou políticas num sentido restrito: para além de tudo isto, e como sua etiologia e teleologia, trabalhavam forças verdadeiramente “mundiais”, num sentido concomitantemente forte e amplo - nesta guerra, estiveram presentes motores que diziam respeito a questões verdadeiramente universais, como a *definição da própria humanidade*, do seu “destino” e de quem seriam os “senhores” desse destino. Neste sentido, esta Guerra ainda não terminou, apenas mudou de protagonistas e de metodologias, mas não de essência motora



sustento minimamente digno de alguém pertencente à alta nobreza. Encontrando uma guerra mesmo à medida na insurreição contra o governo de Espanha em Cuba, para lá se dirigiu, a fim de tomar parte na acção de combate, tendo sido esta a sua primeira de muitas experiências militares como combatente de primeira linha.

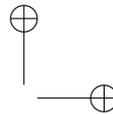
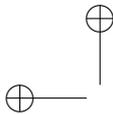
Mas o par desejo de valor pessoal-necessidade financeira foi confrontado ainda de um outro original modo, modo este que constitui o primeiro grande exemplo de como a vivência pessoal, privada, de Churchill teve uma influência transcendente e universal sobre a coisa pública a nível mundial: a fim de ganhar dinheiro e notoriedade pública, contratou com um periódico (*London Daily Graphic*) os seus serviços como jornalista-repórter de guerra *na frente de batalha*, tendo, deste modo, inventado um novo tipo de jornalismo, que, desde então até aos nossos dias, se tem revelado como dos mais ricos e politicamente determinantes. Aliás, esta sua invenção trouxe-lhe graves problemas, por mais de uma vez, com a hierarquia, que não queria gente dos *media* na frente, muito menos gente com conhecimentos técnico-militares e, ainda menos, com um sentido de realidade e de verdade indomáveis e incomprometidos.⁶ Este carácter tinha levado Churchill a uma ul-

⁶ Na sequência do que escreveu acerca da campanha no Sudão. Relata Celia Sandys: “No dia 2 de Setembro de 1898, em Omdurman, a norte de Cartum, o corpo expedicionário de Kitchener entrou em confronto com milhares de derviches. Churchill sobreviveu incólume a uma carga de cavalaria que rompeu pelo centro do inimigo, embora em dois minutos o regimento tenha perdido um quarto dos seus efectivos. Por ter um ombro magoado, usava uma pistola em vez do tradicional sabre de cavalaria. “Vi brilhar a espada que um derviche erguia... Disparei dois tiros a cerca de uns dois metros. Vi diante de mim um outro vulto com a espada levantada. Levantei a pistola e disparei. Estávamos tão próximos que a pistola acabou por lhe embater no corpo.” Publicado um ano mais tarde, o livro que Churchill escreveu sobre a campanha, *The River War*, acabaria por se afirmar como um modelo histórico. As críticas mordazes que então teceu às medidas adoptadas por Kitchener na sequência da campanha irritaram o Ministério da Guerra e levaram à difusão de instruções, ainda hoje em vigor, que impõem limites às liberdades jornalísticas e literárias dos militares no activo” SANDYS Celia, *Winston Churchill, pela sua neta Celia Sandys*, tradução portuguesa de Victor Antunes, Lisboa, Alêtheia Editores S. A., 2006, pp. 22-23

terior inovação mundial, a narração absolutamente realista da guerra, sem omissões de crueldade, erros, sofrimento, o que não se enquadrava quer no modo de pensar da chamada opinião pública quer no dos Estados Maiores, que apostavam numa população desconhecedora do carácter terrível da guerra, carácter que Churchill bem conheceu, sobre o qual meditou, sendo capaz de, a partir desta reflexão, procurar criar metodologias quer logísticas quer doutrinárias que ajudassem a poupar ao máximo possível o sofrimento e a morte em tempo de guerra (teve em Bernard Law Montgomery um bom seguidor, não admirando, pois, o seu bom relacionamento: dois amantes da prudência estratégica e tática e da minimização dos danos pessoais).

Tendo sido bem sucedido nesta sua primeira aventura guerreira⁷ e tendo esta terminado, para consolo de muitos, mas não de Churchill, logo procurou outra semelhante, em que pudesse prosseguir na sua senda de construção de uma identidade por si considerada valorosa e de um património material que lhe permitisse não depender senão de si mesmo e de seu próprio trabalho. O novo cenário foi encontrado na revolta tribal ocorrida na fronteira noroeste da Índia, para a contenção da qual foi criada uma força de intervenção, a *Malakand Field Force*. Não havendo vaga disponível para mais um oficial nesta força, Churchill, ainda assim, avançou na qualidade de jornalista, ao serviço de um jornal indiano, o *Pioneer*, e com a promessa de interesse por parte

⁷ Tão bem, que foi agraciado pelo Governo de Espanha com a *Ordem de Mérito Militar de Primeira Classe*. O seu valor em combate e a sua coragem foram marca mantida imaculada ao longo de toda a sua carreira militar como oficial de frente de batalha, carreira que só terminou na Primeira Grande Guerra, em que teve uma comissão de serviço como comandante de batalhão (Tenente-Coronel), ainda na frente de batalha. A mesma coragem quase raiou a temeridade quando, no desembarque da Normandia, a 6 de Junho de 1944, quis participar da acção de desembarque, a bordo de um navio de guerra (o cruzador *HMS Belfast*), o que só não fez a pedido (na realidade, uma ordem dada com um tom benévolo de pedido) do Rei a quem servia, pedido a que, contrariado, fielmente obedeceu, cfr. SANDYS Celia, *Winston Churchill, pela sua neta Celia Sandys*, tradução portuguesa de Victor Antunes, Lisboa, Alêtheia Editores S. A., 2006, p. 116 (nesta página, pode ver-se a reprodução facsimilada do autógrafo manuscrito do próprio Rei)

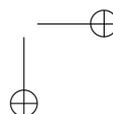
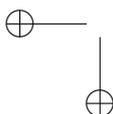


do britânico *Daily Telegraph*. Passado um mês, preencheu a vaga deixada por um oficial morto em combate, podendo, então, sem deixar de exercer o seu mister de jornalista correspondente, exercitar-se em combate, incluindo combate próximo e corpo a corpo. O facto de ter sobrevivido incólume motivou nele a crença, que o iria acompanhar ao longo de toda a sua vida, de que algo de “mais alto” o protegia especialmente, destinando-o a futuras façanhas de grande porte, crença a que se juntava uma muito pouco modesta opinião acerca de seu próprio valor: “Não vale a pena preocupar-me com as balas. Aliás, tenho de mim próprio uma opinião tão elevada que não me parece que os deuses tenham criado um ser tão formidável para que tivesse um fim tão prosaico”.⁸ A arrogante profecia acabou por se concretizar, muitos anos mais tarde, talvez os necessários para transformar tanta arrogância em simples prudente coragem.

Regressado a Bangalore, escreveu, em cinco semanas, o primeiro de muitos e famosos livros: *The Malakand Field Force*, cujos direitos lhe renderam uma apreciável quantia de dinheiro.⁹ Estamos em 1898, Churchill tem 24 anos e já é um combatente veterano de duas guerras. Mas tal não lhe basta. Imediatamente, ainda em 1898, procura mover influências, a fim de ingressar numa outra força expedicionária, criada para enfrentar uma nova situação de ameaça ao poder colonial britânico, desta vez em África. De novo consegue os seus intentos e de novo se encontra no mais denso e perigoso da batalha, em situação de combate corpo-a-corpo. Tendo o seu regimento sido gravemente atingido e tendo perdido grande parte do seu efectivo - numa única batalha,

⁸ Citado pela sua neta Celia Sandys, na obra *Winston Churchill, pela sua neta Celia Sandys*, tradução portuguesa de Victor Antunes, Lisboa, Alêtheia Editores S. A., 2006, p. 21. De um modo mais sério, escreve à mãe, desde a África do Sul: “[...] We have had good luck so far, this being the last train to get thorough from de Aar, and we have gained four days on all the other correspondents. I shall believe I am preserved for future things. Your ever loving son Winston”, citado por SANDYS Celia, *Churchill wanted dead or alive*, New York, Carroll & Graf Publishers, Inc., 2001š, p. 30

⁹ Cerca de 45.000 euros, em dinheiro de hoje



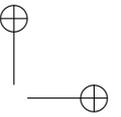
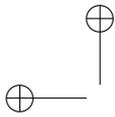
Omdurman, a norte de Cartum (aquando de uma carga de dervixes, e em apenas dois minutos, perdeu cerca de um quarto dos efectivos) -, numa guerra feroz, e tendo, mais uma vez, escapado sem grande dano, Churchill sente reforçado o seu sentimento de estar destinado a grandes coisas futuras.¹⁰

Mais uma guerra, mais um livro. Desta vez, escreve uma obra que se tornará modelo do ponto de vista historiográfico, progredindo em mais uma das suas paralelas carreiras, a de historiador, em que se destacou como um dos melhores do século XX:¹¹ *The River War*, em que historia a campanha, obviamente do lado britânico.¹² Encontramos

¹⁰ Esta estranha intuição, que sempre o acompanhou apesar da má opinião de seu pai acerca das suas virtudes, recebe uma confirmação bem real num dos momentos mais dramáticos da sua vida, quando a 10 de Maio de 1940 é chamado a formar governo e a chefiar os britânicos (e o mundo livre) na luta contra os diversos totalitarismos cuja emergência tinha combatido, cuja ascensão anunciou e procurou combater, contra os quais deveria, agora, mostrar o seu valor real, não apenas retórico ou intelectual. São suas as palavras sobre este terrível, mas quase beatífico momento: “During these last crowded days of the political crisis my pulse had not quickened at any moment. I took it all as it came. But I cannot conceal from the reader of this truthful account that as I went to bed at about 3 a. m. I was conscious of a profound sense of relief. At last I had the authority to give directions over the whole scene. I felt as if I was walking with destiny, and that all my past life had been but a preparation for this hour and for this trial. Ten years in the political wilderness had freed me from ordinary party antagonisms. My warnings over the last six years had been so numerous, so detailed, and were now so terribly vindicated, that no one could gainsay me. I could not be reproached either for making the war or with want of preparation for it. I thought I knew a lot about it all, and I was sure I should not fail. Therefore, although impatient for the morning, I slept soundly and had no need for cheering dreams. Facts are better than dreams” CHURCHILL Winston Spencer, *The Second World War*, London, Penguin, 1989, p. 220. Esta última frase denuncia bem o sentido pragmático do modo de pensar e de ser de Churchill, pragmatismo este alicerçado numa superior inteligência prática e numa necessariamente excelente inteligência noética. Raras, num raro convívio

¹¹ São de Leo Strauss, a propósito da obra de Churchill *Marlborough, His Life and Times*, as seguintes palavras: “The greatest historical work written in our century”, citado na capa da edição de 2002, The University of Chicago Press, Chicago, 2002, vol. I

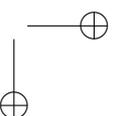
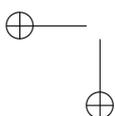
¹² Apesar de ser antropológicamente muito difícil a qualquer pessoa um distan-



aqui, já, mais uma ligação entre a parte propriamente privada da vida de Churchill e a parte pública dessa vida, ligação que propiciou uma série de eventos marcantes não apenas num sentido fraco ou prosaico de “público”, mas num sentido forte, porque duradouro e tendencialmente universalista. O modo próprio de Churchill ser, a sua temeridade em jovem, a sua coragem quando mais maduro, a sua honestidade e gosto pela verdade doesse a quem doesse, a sua inclinação para o serviço do bem comum eram impossíveis de conciliar com os modos tradicionais de comportamento quer a nível militar quer a nível político mais geral.

Deste modo, o relato histórico desta última guerra foi feito com um grande sentido de objectividade, sem poupar aquilo que o historiador considerava serem os erros dos responsáveis estratégicos pela campanha, mormente o seu máximo responsável: Lord Kitchener. Não dando importância ao facto de que era militar de carreira e mero oficial subalterno, Churchill tratou os seus superiores militares com o juízo não de um subordinado, mas de um superior. Tal atitude foi considerada imperdoável, dando origem ao tipo de restrições, ainda em vigor, acerca das liberdades jornalísticas e literárias de militares no activo, na Grã-Bretanha. Um temperamento mais conciliatório para com as tradições teria respeitado aquela tão britânica tradição, mas Churchill era quem

ciamento suficiente da sua mesma condição subjectiva, a fim de poder julgar objectivamente os acontecimentos, Churchill sempre demonstrou uma boa capacidade de compreensão dos adversários e mesmo dos inimigos, por vezes, como que sendo capaz de se “pôr no seu lugar”. Isto permitiu-lhe não só uma rara atitude de magnanimidade, demonstrada já como agente político a propósito de vários conflitos (com os Boers, por exemplo), mas também a capacidade de intelectualmente compreender as razões profundas de certas posições, por mais estranhas que pudessem parecer ao comum dos analistas, ganhando, assim, sobre estes últimos, uma grande vantagem intelectual e hermenêutica, que se viria a mostrar fundamental para a sobrevivência das democracias no confronto com o nazismo, dado que, durante muito tempo, pareceu que apenas Churchill tomava o pequeno cabo austríaco a sério. Churchill gaba-se de ter lido o *Mein Kampf*, tomando-o a sério, tendo-lhe “bastado” seguir o “guião” nazi para saber o que “se seguiria”. A história veio mostrar que, pelo menos inicialmente, Hitler seguiu o seu programa, exarado e tornado público na referida obra



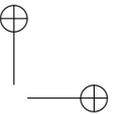
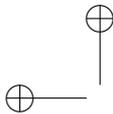
era e nunca desmentia publicamente o impulso interior de vera acção que o habitava.

Na sequência destes eventos, Churchill saiu do exército, preferindo ganhar a vida como escritor. É desta altura também a sua primeira candidatura ao parlamento, por Oldham, tendo sido derrotado por ligeira margem. Salvou-o do desemprego e do tédio da vida civil sem empenhamento político a iminência de uma nova guerra, desta vez na possessão britânica da África do Sul, em que se desenhavam sérios movimentos de secessão. Embarcou para o sul de África como jornalista, ao serviço do *The Morning Post*, sendo, com o contrato obtido para o efeito, o membro desta profissão mais bem pago do seu tempo.¹³ Já durante a viagem para a África do Sul, obtém a promessa de uma comissão de serviço no Regimento dos Lancashire Hussards,¹⁴ conseguindo, após a sua famosa aventura do comboio, de que falaremos mais adiante, uma comissão num regimento não regular, o South African Light Horse,¹⁵ tendo participado em várias batalhas de grande envergadura, sempre na primeira linha. Manteve a sua constante actividade de repórter de batalha, com extensos e frequentes despachos para a redacção em Londres, sempre que possível. Mas o que mais ressalta da sua presença neste conflito diz respeito quer precisamente às suas notáveis e frequentes crónicas de guerra quer à sua atitude de magnanimidade relativamente ao inimigo, manifestada ainda durante o conflito e, depois, politicamente, já como agente activo no mundo do poder britânico, quer, sobretudo, à sua aventura do comboio e suas consequências. Esta aventura merece ser contada com algum detalhe, pois ajuda a definir com alguma precisão o modo de funcionamento da

¹³ Segundo Celia Sandys, recebia mensalmente o equivalente a 12.000 Libras actuais, cerca de 18.000 euros, *Winston Churchill, pela sua neta Celia Sandys*, Lisboa, Alêtheia Editores S. A., p. 23. Ainda segundo a mesma fonte, Churchill totalizou mais de setecentos artigos jornalísticos ao longo de sua vida, para várias publicações, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos da América, *ibidem*, p. 24

¹⁴ JENKINS Roy, *Churchill*, London, Pan Books, 2002, p. 51

¹⁵ SANDYS Celia, *Winston Churchill, pela sua neta Celia Sandys*, Lisboa, Alêtheia Editores S. A., p. 144

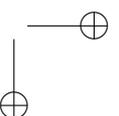
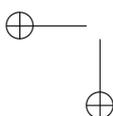


esfera privada de Churchill e a relação desta com a sua vida pública, relação de máxima imbrincação.

Quando estava junto da guarnição de Eastcourt, tendo sido ordenado um reconhecimento em força usando como meio de transporte um comboio adaptado a fins militares pomposamente chamado “comboio blindado”, sendo este emboscado por uma força numerosa, bem armada e dispendo de artilharia, perante o pânico instalado, Churchill organizou a retirada das tropas sobreviventes, tendo, quando o primeiro conjunto já estava em segurança, voltado, debaixo de fogo, para tentar resgatar os restantes elementos, deixados para trás, aquando do primeiro transporte de retirada. Dadas as dificuldades da manobra e embora tendo esta sido bem sucedida quanto à sua finalidade, Churchill acabou por se encontrar só, tendo de se render a uma patrulha de soldados Boers.¹⁶

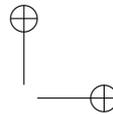
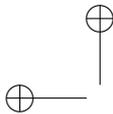
Feito prisioneiro, não descansou enquanto não conseguiu fugir, tendo-o conseguido usando de astúcia verdadeiramente churchilleana, vagueando esfomeado e sedento por vários dias, até ser ajudado pelo capataz de uma mina, que o abrigou e lhe proporcionou os meios de fuga em relativa segurança, escondido no meio de fardos de mercadorias transportados num vagão de caminho de ferro até ao porto de Lourenço Marques, em Moçambique. Daí, partiu para Durban, onde foi recebido como herói, tendo-se juntado imediatamente às tropas em combate, *Este desejo de estar sempre presente onde quer que a batalha se fizesse sentir em seu maior fragor não deve ser confundido com um qualquer perverso gosto pela guerra nem sequer com um carácter propriamente guerreiro, típico de quem não pode viver sem a guerra. Tal não é o caso de Churchill: o seu carácter inicialmente temerário, mais tarde, a sua prudente coragem não são os de um amante da guerra ou mesmo do conflito, antes os de um realista conhecedor do modo comum do agir político bem como dos meios necessários para fazer vencer racionalmente as razões próprias, não por mero capricho ou*

¹⁶ SANDYS Celia, *Winston Churchill, pela sua neta Celia Sandys*, Lisboa, Alêtheia Editores S. A., pp. 44-57; JENKINS Roy, *Churchill*, pp. 52-54



simples ambição pessoal, mas por interesse pessoal, no sentido não de um interesse egoísta, mas de um interesse próprio de um ser racional que se sabe irreduzível sujeito ético e político, numa incessante actividade servidora do bem comum, único meio considerado possível de engrandecimento pessoal próprio. A este modo de ver a realidade e de nela se situar, acresce um sentido raro de posicionamento estratégico junto do centro nevrálgico da acção. Nada disto, quando aplicado aos momentos em que se encontrou em situação de guerra, pode ser confundido com um gosto pela guerra enquanto tal. São as suas próprias palavras, ainda jovem e na sequência das experiências vividas na guerra contra os Boers, que no-lo demonstram: “Ah, terrível guerra, espantosa mistura de glória e de imundície, de coisas miseráveis e sublimes, se os modernos líderes esclarecidos te conhecessem mais de perto os homens simples dificilmente te voltariam a ver” (aos leitores do Morning Post, citado em SANDYS Celia, Winston Churchill, pela sua neta Celia Sandys, Lisboa, Alêtheia Editores S. A., p. 27). Churchill tinha a grande vantagem de possuir a experiência mais próxima possível da guerra. Esta sua experiência íntima e privada teve óbvias repercussões públicas universais, cujas consequências ainda hoje se fazem sentir perto do sítio em que tinha sido capturado umas semanas antes.

Não é propriamente novidade o amor que Churchill tinha pela liberdade e pela possibilidade do exercício da livre cidadania. Deste modo, a experiência de prisioneiro marcou-o profunda e definitivamente. Mas esta impressão ética e política deixada pelo breve período de cativo - e em condições muito razoáveis - não o marcou apenas num plano psicológico, interessante em termos biográficos, mas inconsequente em termos que transcendam a mera biografia individual e anedótica: encontramos, aqui, mais um importante exemplo de como a vivência pessoal privada de Churchill teve um enorme impacto futuro em termos políticos públicos, pois, Churchill nunca esqueceu o quanto penosa esta experiência fora, tomando, assim que lhe foi possível, medidas no sentido de melhorar a vida nos estabelecimentos prisionais da Grã-

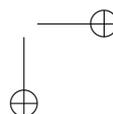
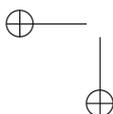


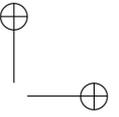
Bretanha, procurando transformá-los de depósito de indesejáveis em sítio de melhoramento pessoal,¹⁷ tendo também conseguido melhorar a vida dos trabalhadores das minas.

As moções privadas de Churchill, algumas naturalmente egoístas, tais como o desejo de brilhar, de ganhar dinheiro, de se evidenciar junto dos parentes vivos e de mostrar que era um homem capaz, perante si mesmo e perante a memória do Pai, entre outras, levaram a que, associadas com outras, não egoístas, como o amor pela verdade e pelo bem comum, a sua esfera privada fosse transcendida incessantemente para o âmbito do *forum* da coisa pública, de um modo tal que esta última se apresentava como uma espécie de único campo suficientemente amplo para a possível realização de tamanha força interior. A impressão que os primeiros anos da vida adulta de Churchill nos deixa é a de um vulcão de possível acção política, prestes a explodir, evitando esta explosão o constante derrame de sua acção multiformemente operativa. Este excesso prático parece ter sido o seu meio de salvação política pessoal; um Churchill reprimido poderia tornar-se num perigoso político ressentido e falhado, à semelhança desse outro “vulcão” político que foi Hitler.

Ainda durante o tempo da guerra contra os Boers, Churchill teve de se confrontar com a reacção generalizada contra as suas ideias de clemência para com os vencidos, ideias de que nunca prescindiu, mas

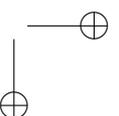
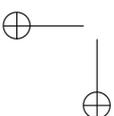
¹⁷ Deixemos falar Violet Bonham-Carter, em *Winston Churchill, an Intimate Portrait*, Harcourt, Brace & World, Inc., New York, 1965, p. 40: “I often heard Winston Churchill say that he hated every moment of his captivity more bitterly than he had ever hated any other period in his whole life, including even his wretched private-school days. Looking back on it he wrote: “I have always felt the keenest pity for prisoners and captives. Therefore in after years, when I was Home Secretary and had all the prisons in England in my charge, I did my utmost to introduce some sort of variety and indulgence into the life of their inmates, to give to educated minds books to feed on and to mitigate as far as is reasonable the hard lot which, if they have deserved, they must non the less endure.”. A citação é retirada da obra de Churchill *My Early Life*, (1947), pp. 256-257. Salientamos a expressão “as far as is reasonable”, reveladora do carácter de razoabilidade e, portanto, de matricial racionalidade da acção deste homem

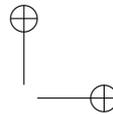
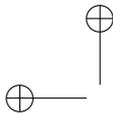




que só tiveram eco prático já no final da Segunda Guerra Mundial.¹⁸ Aqui, negativamente, podemos ver o quanto a *convicção privada* e, neste caso, desacompanhada e solitária quando tenta passar a pública, pode ter na vida de todo um mundo. A persistência na ideia de clemência para com os vencidos, que hoje é tida como património adquirido das sociedades civilizadas, permitiu criar um enquadramento novo na história da humanidade, tendo como consequência quer a poupança de inúmeras vidas quer a muito mais rápida recuperação dos povos derrotados, com todas as vantagens económicas e políticas daqui advindas; lembremo-nos dos casos da Alemanha e do Japão pós Segunda Guerra Mundial. Mas lembremo-nos, também e principalmente, do erro clamoroso que foi não se ter seguido esta mesma política no final da Grande Guerra, sobretudo no que diz respeito à mesma Alemanha, com as terríveis consequências por demais conhecidas. É claro que se pode apenas especular: mas que teria acontecido à Alemanha de após a Grande Guerra se se tivesse seguido a ideia de clemência para com os vencidos? Teriam existido as condições económicas e políticas que tanto auxiliaram a ascensão (legal, para mais...) de Hitler ao poder? Pessoalmente, duvidamos.

¹⁸ Para nós, é comovente o texto, ética e politicamente programático, com que abre a imensa obra de memórias acerca da Segunda Guerra Mundial: “Moral of the work. In war: resolution; in defeat: defiance; in victory: magnanimity; in peace: goodwill”. Tal programa dispensa comentários. Mas não podemos deixar de apontar a sua iniciativa relativa aos Boers, tão precoce quanto ousada, na viragem do século, como fundamentalmente precursora das ideias que originaram textos fundamentais como os das *declarações* de direitos devidos ao homem *por ser homem*. Depois de 1945, era fácil pensar assim; em 1900, tal foi considerado, pela maioria, autêntica loucura, senão mesmo traição. Mas, em 1900, esta rara, talvez mesmo inédita a este nível, iniciativa demonstra uma magnanimidade humana indesmentível, pois a sua publicação foi feita à custa da diminuição do crédito público, tão dificilmente acumulado. Churchill sempre viveu entre esta espada das convicções pessoais e a parede do pensar mundano de que dependia a sua carreira, mas que, no fundo, desprezava. Felizmente, a sua coragem ética e política, em conjunto com a sua paciência, permitiram fazer vencer os seus pontos de vista: lenta, mas seguramente, as suas visões sobre o bem comum foram sendo passadas a formas práticas e pragmáticas, vencendo quer a sua própria ânsia de protagonismo quer a menor inteligência do público



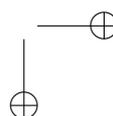
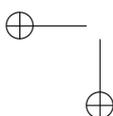


Em 1900, começa uma nova fase da vida de Churchill, sobretudo dedicada à política profissional, se bem que ainda com o exercício de actividade militar profissional, esta durante a Grande Guerra, na sequência do seu maior falhanço político, de etiologia militar, a malograda operação de Galipoli, destinada a terminar mais brevemente a guerra, mas saldada por uma clamorosa derrota das forças britânicas. Assim, tendo saído do governo, Churchill pediu e recebeu nova comissão de serviço, desta vez como comandante de batalhão, no posto de Tenente-Coronel, novamente na frente de combate, frente de que nunca se afastou, enquanto durou esta sua comissão.

Este período, para além das realizações relacionadas com o plano político-militar, assistiu à acção profundamente inovadora e reformadora de Churchill nos planos económico e social, em que produziu alterações marcantes, rompendo definitivamente com e realmente destruindo um modo de sociedade alicerçado no individualismo, que tinha como necessário corolário o abandono ao seu mesmo destino solitário das pessoas, sem que houvesse entre elas sistemas político-económicos formais de entreaajuda, baseando-se esta última apenas na boa vontade de alguns dos possuidores de maiores recursos ou em preceitos religiosos, uns e outros insuficientes para garantir uma vida digna a *todas* as pessoas de tal necessitadas e incapazes pelos seus próprios meios de o conseguirem.

Assim, e tendo ironicamente Churchill insanável repugnância por um estado de tipo socialista, a ele se deve a proposta de medidas como a abertura generalizada de centros de emprego, o auxílio ao combate ao forte desemprego que, então, se fazia sentir, com a criação de um seguro de desemprego,¹⁹ de um ordenado mínimo, medidas que acabou

¹⁹ Sobre este trabalho reformador, diz Roy Jenkins, *Churchill*, London, Pan Books, 2002, p. 178: “His third legislative activity as Home Secretary was a carry-over from his days in the Board of Trade, and had nothing to do with his departmental responsibilities. The National Insurance Act, which became law in the summer of 1911, had Lloyd George as the sponsoring minister. Churchill nonetheless played the major role in steering Part II, which dealt with unemployment insurance provisions, through the House of Commons. This was appropriate both because he had prepared



por aplicar, mais cedo ou mais tarde, aquando da sua passagem pelos diferentes gabinetes em que esteve envolvido. Criou também um Tribunal arbitral de Trabalho, permitindo ao Governo ter um papel mais activo na resolução dos diferendos entre trabalhadores e patronato.²⁰

Reformou ainda o sistema prisional,²¹ o sistema de trabalho nas minas de carvão,²² tentou reformar as condições de trabalho do sector comercial, introduzindo grandes alterações favoráveis aos trabalhadores, no que diz respeito a tempos de descanso e a condições de trabalho, mas não tendo conseguido impor todas as mudanças que desejava, conseguindo, no entanto, mesmo assim, alguns avanços.²³

nearly all this part of the legislation before leaving the Board of Trade, and because, as he told the House on 25 May: 'There is no proposal in the field of politics that I care about more than this great insurance scheme' ”

²⁰ SANDYS Celia, *Winston Churchill, pela sua neta Celia Sandys*, Lisboa, Alêtheia Editores S. A., p. 40

²¹ Cfr. JENKINS, *Churchill*, London, Pan Books, 2002, p. 179

²² Sendo este trabalho a propósito da relação “privado-público”, não podemos deixar de nos questionar, relativamente a estes dois casos de importantes reformas, se a experiência privada de Churchill quer como prisioneiro quer como pontual habitante das profundezas de uma mina, aquando da sua fuga na África do sul, onde teve a duvidosa honra de partilhar o infecto espaço subterrâneo disponível na mina com ratazanas, não teve uma importância decisiva. Queremos crer que sim. Que político executivo, sem a experiência privada da prisão e da mina se teria lembrado de tal, em semelhante altura, em que poucos na esfera do poder se importavam com “tais coisas”, próprias das “classes baixas”, isto é, de gente que, para tais executivos, tinha nascido apenas para servir? Não nos parece que aqui baste apenas a fina inteligência política ou a pura sensibilidade de artista de Churchill, tendo a sua realíssima *experiência pessoal* desempenhado um papel fundamental no despertar de tal inteligência e de tal sensibilidade para com estes casos. Sobre as medidas conducentes à legislação mineira, cfr. JENKINS, *Churchill*, London, Pan Books, 2002, pp. 177-178

²³ Ainda nas palavras de JENKINS, *ibidem*: “The second measure was a Shops Bill designed to improve the conditions of the 1.5 million, even more than in coal mining, employed in retail outlets. This was not an original inspiration of Churchill's, for a very similar measure had been introduced by Herbert Gladstone in 1909 but had foundered under the pressures of that Finance Bill-dominated session. Even in 1911 (it had again been crowded out in the 1910 session) it was badly emasculated in committee. The shopkeepers' lobby was a powerful one and had a lot of influence in

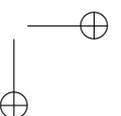
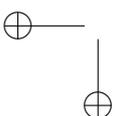


Aqui, a relação entre a experiência privada e a manifestação pública dos feitos parece não ser já tão óbvia, como aliás, em tudo o que se refere à melhoria das condições sociais: que experiência tinha Churchill da pobreza? Obviamente, nenhuma. A pobreza pessoal nunca privara com Churchill. Então, de onde provinha este inusitado interesse de um representante da alta nobreza inglesa pela condição dos mais pobres? Cinismo político, oportunismo político, carreirismo às custas de uma bem encenada, mas falsa amizade pelo povo, de que não fazia parte e que, talvez, como a grande maioria de seus pares, abominasse?

Não. Nas palavras de Violet Bonham Carter, sua amiga de juventude e inteligente biógrafa: “I remember wondering whether, like so many public performers, he had a separate public personality and being relieved to find that he behaved and spoke exactly like his private self”²⁴. Esta faceta, muito admirada por Violet, era por outros considerada como não própria de um homem de estado. No entanto, foi sempre característica de Churchill dar publicamente testemunho daquele que era o seu entendimento pessoal, privado, mesmo quando tal lhe trazia contratempos e dissabores. Exemplo disto foram os anos em que sozinho chamou a atenção das democracias para os perigos das diversas formas de tirania que se estavam instalando e desenvolvendo, especialmente na Rússia comunista, na Itália fascista e na Alemanha nazi. Este seu protagonismo contra-corrente valeu-lhe, negativamente, um activo ostracismo por parte da oligarquia no poder e, positivamente, uma boa década de afastamento dos meandros da política, década em que cri-

the Liberal party. Churchill got through one early closing day a week and a statutory mealtime respite for employees, but lost his provisions for a maximum of sixty hours of work, for the restriction of overtime and for Sunday closing. He referred bitterly to it as ‘a mere piece of salvage from a wreck’ [É]”

²⁴ BONHAM-CARTER Violet, *Winston Churchill: An Intimate Portrait*., New York, Harcourt, Brace & World, Inc., 1965, p. 109. Esta dúvida assaltou Violet quando foi ouvir, pela primeira vez, Churchill discursar, no parlamento britânico, aquando da defesa, em sede de debate parlamentar, da proposta de uma Constituição para o Transval, iniciativa que se inseria no espírito de tratamento dos antigos inimigos com magnanimidade e boa vontade



ticou erros sucessivos, mas em que também avançou com propostas alternativas positivas. Esta década permitiu-lhe obter como que uma situação de “estado de graça” precisamente quando os seus serviços mais necessários eram: em Maio de 1940.

Então, *onde foi Churchill desencantar o seu genuíno interesse pelo destino dos menos favorecidos?* No nosso entender, tudo aponta para a relação que teve com a pessoa que mais o marcou na sua juventude (realmente mais do que a mítica, mas distante, fria e menosprezante figura do Pai ou a distante e fria figura da Mãe), a sua ama, a sua *nannie*, Mrs. Everest.²⁵ Como a maioria das *nannies*, Mrs. Everest era uma mulher sem outros recursos que não os de seu mister, dependente de encontrar trabalho tomando conta de crianças de famílias abastadas; reduzida à miséria se não encontrasse trabalho ou já não tivesse forças para o re-

²⁵ Na prosa inteligente de BONHAM-CARTER, *Winston Churchill: An Intimate Portrait*, New York, Harcourt, Brace & World, Inc., 1965, p. 12: “Of Winston Churchill’s childhood we know only what he has written of it himself. It is clear that both his parents influenced him deeply - at long range. In a sense their glamour was enhanced by their remoteness. Of his mother he has written: “She shone for me like the Evening Star. I loved her dearly - but at a distance. My nurse was my confidant. Mrs Everest it was who looked after me and tended all my wants. It was to her I poured out my many troubles. Ě” (citação de *My Early Life* (1947), p. 5) In his solitary childhood and unhappy school days Mrs. Everest was his comforter, his strength and stay, his one source of unfailing human understanding. She was the fireside at which he dried his tears and warmed his heart. She was the night light by his bed. She was security”. Estas belas e descritivas palavras desta especial amiga de Churchill dispensam grandes comentários, mas o carácter de segurança e conforto pessoal que a presença e a acção da *nannie* assumiu, junto deste jovem que se viria a tornar num homem extremamente grato, dificilmente poderia ter deixado de inspirar as ideias de propiciamento de uma mesma segurança e de um mesmo conforto para quem deles necessitasse. Churchill fez de si próprio o instrumento da criação de tal “mecanismo” político capaz de suprir carências não supríveis e suprimíveis de outro modo. A segurança social aparece, assim, como um necessário sucedâneo da segurança pessoal, cuja necessidade profundamente sentiu e que teve resposta efectiva por parte de uma pessoa que era paga para um certo tipo de cuidado, mas foi humanamente grande para transcender o limite da sua acção remunerada e, de mãe de substituição, passou a mãe de amor. Parece-nos que tal lição de humanidade teve grande importância na *paideia* ética e política de Churchill

alizer, a menos que, por tal altura, fosse recolhida pela última família servida, sendo protegida e cuidada até ao fim de seus dias (o que os pais de Churchill não fizeram), o que não era, mesmo assim, raro. No entanto, era depender de actos de caridade, que, se bem que muitas vezes genuínos e eficazes, não garantiam a protecção a *todas* estas mulheres em fim de carreira e de vida.²⁶ Este abandono sistemático após uma vida de trabalho era paradigmático de toda uma sociedade em que a pessoa humana não era vista como pessoa humana, mas apenas como meio de produção e de enriquecimento de terceiros.

Ora, o amor de Churchill por Mrs. Everest foi de tal modo profundo, que o retrato desta última nunca deixou o quarto do seu menino, até à morte deste, com mais de noventa anos, em 1965:²⁷ a fidelidade de Churchill ao amor desta mulher, pensamos, está na base de muito do que conseguiu realizar, em sua memória, mas sobretudo em benefício dos que não tiveram a sorte de ser a *nannie* de Churchill. Esta morreu

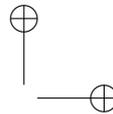
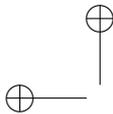
²⁶ Palavras de Churchill, citadas por BONHAM-CARTER, *Winston Churchill: An Intimate Portrait*, New York, Harcourt, Brace & World, Inc., 1965, p. 13: “When I think of the fate of poor old women, so many of whom have no one to look after them and nothing to live on at the end of their lives, I am glad to have had a hand in all that structure of pensions and insurance which no other country can rival and which is especially a help to them”, citação de *My early life* (1947), pp. 109-110. Esta atitude pessoal privada e esta posição e acção públicas não derivam de assépticas doutrinas mais ou menos filosóficas e quase sempre de tipo ideológico, mas da profunda percepção de um gravíssimo problema real, cuja resolução era e é incompatível com meras boas-vontades de papel e tinta, mas requer medidas pragmáticas muito claras e positivamente assumidas pelo valor próprio humano que possuem, se preciso for (e foi) contra o modo público de pensar do momento. Trata-se, todavia, não de um simples impulso de tipo emotivo, mas da acção racional necessária perante um problema que se percebe ter de ser resolvido. Churchill teve este extraordinário dom de conseguir perceber a urgência e profundidade de muitos problemas, na sua mesma urgência e profundidade, o que racionalmente só pode significar e implicar a sua imediata resolução. Este dom é raro e inscreve-se, com a necessária concomitante formação, no tipo platónico de magistrado necessário para o bem da cidade

²⁷ “Until the end of his life her photograph hung in his room”, BONHAM-CARTER, *Winston Churchill: An Intimate Portrait*, New York, Harcourt, Brace & World, Inc., 1965, p. 13

amada e acarinhada²⁸ e sem que lhe faltasse coisa alguma. Mas Churchill bem sabia que tal não era o destino de todos os outros elementos da sua classe, esmagadora maioria dos habitantes da Grã-Bretanha (e do mundo). Foi a experiência pessoalíssima de contacto com *a possibilidade da miséria futura desta mulher*, que tinha dado anos de sua vida por ele, que tinha sido a sua amiga e confidente, a sua “mãe executiva”, que permitiu ao privilegiado da vida Churchill perceber o que era a expectativa de vida dos não privilegiados da vida, *abrindo a sua inteligência e a sua sensibilidade para um mundo* que, de outro modo, lhe seria desconhecido. Sendo verdade o que defendemos, a relação e a influência da sua experiência privada sobre o domínio público, neste caso, são também de enorme importância, de tendência universal, dado que foram muitos os governos que imitaram a opção humanamente previdencialista promovida por Churchill.

Nunca convivendo habitualmente de próximo com os elementos das classes mais baixas, Churchill nunca deixou de os amar, não de um modo romântico ou intelectualizado e sempre substancialmente inefi-

²⁸ “Death came very easily to her. She had lived such an innocent and loving life of service to others and held such a simple faith that she had no fears at all, and did not seem to mind very much. She had been my dearest and most intimate friend during the whole of the twenty years I had lived”. Trecho de *My early life*, de Churchill, citado por BONHAM-CARTER, *Winston Churchill: An Intimate Portrait*, New York, Harcourt, Brace & World, Inc., 1965, p. 13. Embora o texto dispense comentários, chama-se a atenção para o termo “friend” usado por Churchill, termo que corresponde a uma realidade de tal modo preciosa para ele que muito dificilmente seria utilizado em tais circunstâncias, se não correspondesse exactamente ao estatuto que a *nannie* tinha. O estudo da pessoa de Churchill permite pensar que lhe era impossível nada fazer para melhorar o destino de gente que, tendo dedicado o melhor de suas vidas ao bem dos outros, ao bem-comum que sempre o motivou, acabassem as suas próprias vidas sem o devido reconhecimento por parte do comum para cujo bem tinham contribuído. Reside aqui, em nosso entender, a maior grandeza da personalidade de Churchill: neste *sentido de necessidade de uma justiça sempre determinada não pela horizontalidade de meros códigos humanos, mas pela transcendência de um sentido trans-humano, porque simples e puro, de magnanimidade, de clemência, de piedade*. Apesar de todos os humanos defeitos que possuía, Churchill fazia política com os olhos postos nos céus, platónico modo de melhor servir as necessidades da terra

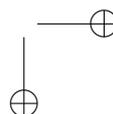
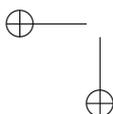


caz (à maneira das ideologias), porque impotente para fazer bem e para fazer o bem, dado que desconhece a realidade a que se quer referir e, desconhecendo-a, não a pode amar ou tocar, mas percebendo, nas realidades humanas com que contactava, a fonte de seus males políticos e sociais e tudo fazendo para os corrigir. Sendo quem era, possuindo a energia que possuía, conseguiu sozinho talvez mais pelo bem das classes desfavorecidas do que anos e anos de trágicas revoluções e guerras, com seu séquito de morte e destruição. De facto, para além do trabalho pioneiro realizado na Alemanha de Bismarck e na mesma Grã-Bretanha por Gladstone e Lloyd George, alguns dos principais avanços iniciais (e continuados) no apoio social sustentado devem-se ao labor de Churchill.²⁹

Em 1911, Churchill foi nomeado Primeiro Lorde do Almirantado, tendo promovido uma política de remodelação e acréscimo da frota, perante a ameaça percebida de idêntica iniciativa anterior por parte do Império Alemão. Esta medida, consubstanciada em fundamentais inovações doutrinárias e técnicas, teve repercussões quer no desenvolvimento da Grande Guerra imediatamente subsequente quer no desenvolvimento da Segunda Guerra Mundial, dado que, tendo a marinha sido fundamental para assegurar a supremacia naval na primeira, também o foi na segunda, sendo que, nesta última, foram os navios do programa iniciado em 1911 que tiveram sobre si o esforço fundamental na luta contra o Eixo, uma vez que, entre as duas guerras, pouco ou nada se fez de substancial para acompanhar as necessidades operacionais da frota e a construção de um vaso de linha demora quase tanto quanto o tempo que a Segunda Guerra Mundial durou.

Ainda antes do início da Grande Guerra, tomou posição acerca da questão irlandesa, defendendo uma política de autonomia (*Irish Home Bill*), sem comprometer os interesses estratégicos da Grã-Bretanha.

²⁹ Da nota de apresentação da obra de Churchill *The Second World War*, versão abreviada da Penguin, London, 1989, sobre o Autor: “He became President of the Board of Trade in 1908 and Home Secretary in 1910 and, together with Lloyd George, introduced social legislation which helped form much of the basis for modern Britain”

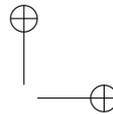
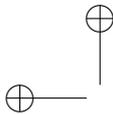


Com o início da Grande Guerra, esta questão foi secundarizada, mas permaneceu sempre sob a atenção de Churchill que, mais tarde, negociou aquela autonomia com o único dirigente irlandês em quem confiava, Michael Collins, posteriormente assassinado e substituído por de Valera, a quem Churchill abominava. A questão irlandesa acabou por ser mal resolvida, prejudicando gravemente os interesses estratégicos britânicos e não salvaguardando uma paz sustentada entre os diferentes grupos envolvidos, como é historicamente manifesto até à actualidade.

A irreflexão britânica foi ao ponto de desistir das suas bases navais em território da República da Irlanda, comprometendo gravemente a segurança da circulação marítima no Atlântico Norte, com os desastrosos resultados sobejamente conhecidos.³⁰ Apesar de ter, em devido tempo e bastante antes do início da Segunda Guerra Mundial, chamado a atenção para a irracionalidade estratégica de um tal passo (inclusive em discurso formal ao Parlamento),³¹ apesar de pressionado, já em plena guerra e sendo primeiro-ministro, para tomar estas bases pela força, permaneceu fiel ao compromisso firmado pelo seu País, de modo a manter uma política o mais livre possível de medidas pouco honestas. Mais um ponto em que a relação privado-público se manifesta exemplarmente, sobretudo num mundo em que se afirma que a *Realpolitik* sempre impera: afinal, de vez em quando, ainda há princípios que valem mais do que a pseudo-eficácia de uma racionalidade

³⁰ Ouçamos, sobre este assunto as palavras do próprio Churchill: “Since the beginning of 1938 there had been negotiations between the British Government and that of Mr. de Valera in Southern Ireland, and on April 25 an agreement was signed whereby, among other matters, Great Britain renounced all rights to occupy for naval purposes the two Southern Irish ports of Queenstown and Berehaven, and the base in Lough Swilly. The two southern ports were a vital feature in the naval defence of our food supply. [É] Personally I remain convinced that the gratuitous surrender of our right to use the Irish ports in war was a major injury to British national life and safety. [É] Many a ship and many a life were soon to be lost as the result of this improvident example of appeasement”, *The Second World War*, London, Penguin, 1989, pp. 120-121

³¹ Discurso à Câmara, em 05 de Maio de 1938, “Eire Bill”, publicado em *Blood, Sweat and Tears*, Safety Harbour, Simon Publications, 2001, pp. 5-14

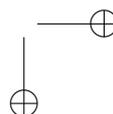
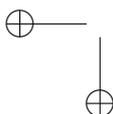


apressada, erradamente dita “realista” e que meramente reflecte a insuficiente inteligência prática de quem a pratica, incapaz de uma leitura mais profunda e larga de certos acontecimentos e, conseqüentemente, de uma adequada resposta, essa sim realista. Mas, para que tal possa acontecer, não se pode confiar nos “mecanismos” cegos do mero jogo político, há que ter em consideração a qualidade moral das pessoas envolvidas: neste caso, mais uma vez, a boa qualidade moral privada teve repercussões públicas de grande alcance.

Começada a guerra, em 1914, as funções de Primeiro Lorde do Almirantado passaram a ocupar toda a sua atenção, mas não impediram a manifestação do sempre vigilante soldado de primeira linha, como revela o seguinte episódio, reportado por Celia Sandys: logo em 1914, no início de Outubro, visitou a frente de batalha na Bégica sabendo que o governo belga estava na disposição de capitular imediatamente. Assumindo o controlo da situação no terreno, conseguiu reorganizar a defesa, o que permitiu resistir ainda mais cinco dias, os suficientes para que o exército britânico se reagrupasse e reorganizasse defensivamente por alturas de Dunquerque,³² evitando a passagem em massa dos germânicos para o centro de França, tendo Paris como prémio. De tal modo gostou da experiência que teve a imprudente audácia de pedir para ficar, com uma comissão no terreno, o que não fazia qualquer sentido, tendo o Primeiro-Ministro de o chamar à razão. Aqui, a relação privado-público funcionou, mas disfuncionalmente, pois a falta de prudência de Churchill, se bem que ilustrando perfeitamente até que ponto pode o âmbito do modo próprio íntimo de cada homem ser fazer-se sentir sobre a sua vida pública, poderia ter criado um gravíssimo problema à coesão de um governo que dela necessitava vitalmente.

Um outro episódio, este mais conhecido e a que já aludimos, merece ser trazido à colação, o da mal afamada operação de Galipoli, na

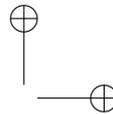
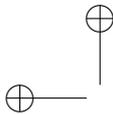
³² Como é óbvio, nada se repetindo, a história também não se repete, mas que este episódio faz lembrar semelhante episódio em 1940 é indesmentível. O que a história poderia proporcionar a uma humanidade mais inteligente e racional seria uma aprendizagem experiencial que evitasse a repetição *do mesmo tipo de erros*. Tal parece ser muito difícil



Turquia. A operação, da iniciativa de Churchill, que serviria para aliviar a pressão sobre os Russos e criar uma nova frente que pudesse dividir a atenção e as forças inimigas, não teve o contributo do exército, recusado por Kitchener, tendo sido executada apenas pela marinha. Sem as devidas condições logísticas, obedecendo a uma estratégia deficiente, a operação falhou, o que provocou uma tremenda censura do seu promotor, tendo este renunciado ao seu cargo. Mas, a esta renúncia, seguiu-se o imediato pedido de uma comissão de campo na frente europeia de batalha, o que lhe foi concedido, tendo permanecido como comandante de um batalhão (tenente-coronel, posto mais elevado ocupado por Churchill como militar de carreira) de linha. Depois de um mês com os Grenadier Guards,³³ a fim de se habituar à vida nas trincheiras, a partir de 1 de Janeiro de 1916, chefiou o sexto Batalhão dos Royal Scots Fusiliers, partilhando da vida dos seus homens, patrulhando com eles a terra-de-ninguém, procurando modos de amenizar a brutalidade da vida sob aquelas condições, nomeadamente improvisando jogos e concertos.

Em Maio, o Batalhão foi fundido com um outro, o sétimo, sob o comando do coronel que comandava este último, o que deixou Churchill sem o que comandar, regressando, então, à vida política e ao Parlamento. No final do ano, sob Lloyd George, foi nomeado Ministro das

³³ A quem Churchill dedica a obra sobre Marlborough: “This work is dedicated by the author in memory of the courtesies and kindness shown to him by the regiment in the great war”, da “Dedicatória”, no início da obra. Os testemunhos dos amigos de Churchill costumam realçar o seu carácter profundamente reconhecido, sem excepção. Outro traço privado que, nele, teve extraordinária importância pública, pois ajudou a aproximar Churchill de pessoas de quem se sentia reconhecido de algum modo, mesmo que indirectamente, incluindo alguns seus antigos adversários, como Bevin, ou inimigos, como Smuts ou Estaline. Para alguns, tal aproximação mais não é do que uma manifestação de pragmático maquiavelismo, mas pensar assim, é desconhecer a admiração que Churchill tinha por tudo o que manifestava bondade intrínseca, fosse o valor militar de um inimigo (Smuts), a coragem sindical de um adversário político (Bevin) ou o desesperado empenho pela salvação de seu povo de um tirano de quem fora o declarado campeão inimigo (Estaline)



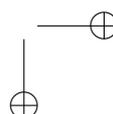
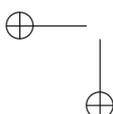
Munições, cargo que desempenhou “à Churchill”, com a sua habitual eficácia.

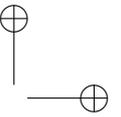
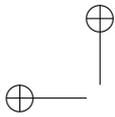
Terminada a guerra, desempenhou várias funções ministeriais, entre as quais a de Secretário do Tesouro, área em que inovou profundamente, introduzindo, finalmente, as reformas que ambicionava e que não tinha ainda tido oportunidade de realizar, algumas delas ainda hoje marcantes, e de Ministro das Colónias, cargo em que teve oportunidade de trabalhar nas questões do Médio Oriente, resolvendo rapidamente a questão da Mesopotâmia, avançando para a questão da Palestina, separada por Churchill da Transjordânia. Relativamente à questão da Palestina, havia que contar com a *Declaração Balfour*, que permitia a criação de um estado para os judeus, mas ofendia profundamente os muçulmanos. Como sabemos, a questão ainda hoje está longe da resolução. As palavras que Churchill pronunciou na altura, na sequência de uma manifestação muçulmana de protesto, em Jerusalém, *se acolhidas*, teriam sido um bom guia racional para a resolução do permanente impasse: “Se, em vez de partilharem a desgraça através da discórdia, partilharem o que têm de bom através da cooperação, o vosso país conhecerá um futuro brilhante e tranquilo”.³⁴ Palavras dispersadas pelos quentes ventos dos vários desertos palestinos.

Se os anos vinte foram para Churchill anos de intensa actividade política governativa, já os anos trinta, anos de ostracismo político no que à esfera do poder diz respeito, são dedicados sobretudo à escrita, à arte - Churchill é um pintor de razoável ou mesmo boa (para amador) qualidade - e à denúncia do perigo nazi e fascista em geral.³⁵ Numa

³⁴ Citado por SANDYS Celia, *Winston Churchill, pela sua neta Celia Sandys*, Lisboa, Alêtheia Editores S. A., p. 60

³⁵ Incluímos nos fascismos o comunismo, bem como todas as doutrinas, ideologias ou práticas que funcionem não no sentido do bem comum, mas no sentido de uma qualquer parte da comunidade política, às custas da restante, eliminando o sentido da radical bondade ontológica da pessoa, sacrificando o bem concomitantemente pessoal individual e universal aos interesses do restrito grupo detentor do poder. Como é óbvio, algumas formas tradicionalmente consideradas não fascistas estão aqui incluídas, incluindo algumas “democracias” meramente “formais”

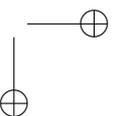
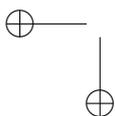


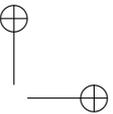
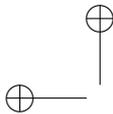


série de notáveis discursos ao Parlamento, Churchill expõe o que considera ser o enfraquecimento das democracias perante a ameaça imperialista não apenas de uma Alemanha renovada, mas também ainda tradicional - o já conhecido inimigo germânico, motivado por uma já habitual lógica de puro imperialismo político de tipo expansionista e colonialista -, mas de uma nova Alemanha, movida por um novo tipo de imperialismo de matriz e alcance cósmico.

Churchill sempre fora um animal curioso, insaciavelmente curioso. A necessidade de compreender as coisas - talvez até porque o Pai o achasse pouco inteligente - era nele análoga à necessidade de respirar. Não admira, pois, que, estando atento a tudo o que se passava em termos políticos em todo o mundo e especialmente na Europa, Churchill lesse a obra programática de Hitler, *Mein Kampf*. É óbvio que mais pessoas de importância política leram a obra. Mas parece que a única que levou a sério “as tolices do homenzinho” foi Churchill. O que, para alguns, é simplismo intelectual, para homens de acção como Churchill, é o modo intuitivo próprio necessário à rápida compreensão dos problemas emergentes, bem como às também necessárias respostas que implicam. Talvez a leitura de Churchill do texto de Hitler não seja um primor exegetico ou académico, mas colhe dele o essencial, permitindo perceber perfeitamente quais os fins a que Hitler se propõe e quais os eventuais meios que vai utilizar. O acerto desta intuição acaba por demonstrar que, politicamente, é muito mais válida do que tediantes exegeses, que colhem tudo menos a exacta essência das questões em causa.

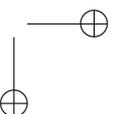
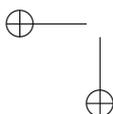
O texto das memórias de Churchill que se refere directamente ao programa do *Mein Kampf* começa assim: “The main thesis of *Mein Kampf* is simple” e termina assim: “Such were the “granite pillars”





of his [Hitler's] policy".³⁶ Esta capacidade de ver simples,³⁷ de captar

³⁶ CURCHILL Winston S., *The Second World War*, vol. II, Boston, Houghton Mifflin Company, s. d., pp. 50-51. Dada a importância histórica e doutrinal de tal citação, resolvemos incluí-la na sua totalidade: "The main thesis of *Mein Kampf* is simple. Man is a fighting animal; therefore the nation, being a community of fighters, is a fighting unit. Any living organism which ceases to fight for its existence is doomed to extinction. A country or race which ceases to fight is equally doomed. The fighting capacity of a race depends on its purity. Hence the need for ridding it of foreign defilements. The Jewish race, owing to its universality, is of necessity pacifist and internationalist. Pacifism is the deadliest sin, for it means the surrender of the race in the fight for existence. The first duty of every country is therefore to nationalise the masses. Intelligence in the case of the individual is not of first importance; will and determination are the prime qualities. The individual who is born to command is more valuable than the countless thousands of subordinate natures. Only brute force can ensure the survival of the race; hence the necessity for military forms. The race must fight; a race that rests must rust and perish. Had the German race been united in good time it would have been already master of the globe. The new Reich must gather within its fold all the scattered German elements in Europe. A race which has suffered defeat can be rescued by restoring its self-confidence. Above all things the Army must be taught to believe in its own invincibility. To restore the German nation the people must be convinced that the recovery of freedom by force of arms is possible. The aristocratic principle is fundamentally sound. Intellectualism is undesirable. The ultimate aim of education is to produce a German who can be converted with the minimum training into a soldier. The greatest upheavals in history would have been unthinkable had it not been for the driving force of fanatical and hysterical passions. Nothing could have been effected by the bourgeois virtues of peace and order. The world is now moving towards such an upheaval, and the new German State must see to it that the race is ready for the last and greatest decisions on this earth. Foreign policy may be unscrupulous. It is not the task of diplomacy to allow a nation to founder heroically, but rather to see that it can prosper and survive. England and Italy are the only two possible allies for Germany. No country will enter into an alliance with a cowardly pacifist State run by democrats and Marxists. So long as Germany does not fend for herself, nobody will fend for her. Her lost provinces cannot be regained by solemn appeals to Heaven or by pious hopes in the League of Nations, but only by force of arms. Germany must not repeat the mistake of fighting all her enemies at once. She must single out the most dangerous and attack him with all her forces. The world will only cease to be anti-German when Germany recovers equality of rights and resumes her place in the sun. There must be no sentimentality about Germany's foreign policy. To attack France for purely sentimental reasons would be foolish.



a essência política dos movimentos, por mais complexos que fossem, revelou-se preciosíssima no decurso da vida de Churchill, mas também identicamente preciosa para a humanidade que não gosta de ser tiranizada. Mais um esclarecedor exemplo da relação entre experiência privada e consequente experiência pública.

Os anos trinta assistiram, então, a uma sistemática denúncia, por parte de Churchill, dos perigos do nazismo e do fascismo em termos gerais (em que se inclui o próprio comunismo soviético: nas décadas que antecederam a Segunda Guerra Mundial, Churchill foi o grande adversário político do soviétismo), acompanhada por um também sistemático apelo a uma política activa de luta contra tais sistemas, luta que passaria necessariamente, entendia, por uma tomada de posição de máxima força em termos de poder militar, de preferência preventiva, mas capaz de acção decisiva em caso de a estratégia preventiva não vir a resultar. Desde muito cedo, baseado na sua intuição política, mas

What Germany needs is increase of territory in Europe. Germany's pre-war colonial policy was a mistake and should be abandoned. Germany must look for expansion to Russia, and especially to the Baltic States. No alliance with Russia can be tolerated. To wage war together with Russia against the West would be criminal, for the aim of the Soviets is the triumph of international Judaism. Such were the "granite pillars" of his policy"

³⁷ Ver *simples*, seguir a pura lógica do que é necessário fazer; por exemplo, dadas as desastrosas condições de progressão nos campos de batalha da Grande Guerra, havia que tentar proteger as tropas de infantaria dos inúmeros projecteis inimigos que varriam o campo. Um génio militar (Fuller) teve a ideia de um carro blindado para o efeito. Bateu a numerosas portas, mas apenas a de Churchill se lhe abriu. Para a história, ficam como pais dos carros blindados Fuller, que concebeu, e Churchill, que percebeu a vantagem da nova arma e a mandou fabricar. Outro exemplo, quando foi necessário pensar num modo expedito de fazer chegar homens e materiais às costas do norte da França, aquando de um eventual desembarque, Churchill lembrou-se de mandar indagar da possibilidade de se construir uns portos pré-fabricados flutuantes (em minuta endereçada a Louis Mountbatten, de 30 de Maio de 1942, cfr. CHURCHILL, Winston, *The Second World War*, London, Penguin, 1989, p. 694): assim nasceram os *Mulberries*, aplicação técnica de engenharia que ainda hoje é largamente utilizada para diversos fins, sobretudo não militares. Pensar simples, sem simplismo, porque de acordo com o real, é uma outra faceta privada (privadíssima) de Churchill que teve transcendente significado na história da humanidade

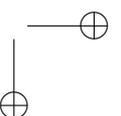
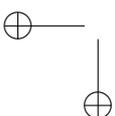


também nos seus conhecimentos em primeira mão da coisa militar, não apenas num sentido estratégico geral, mas global, isto é, incluindo quer o domínio estratégico quer o domínio tático, no seu âmbito pragmático mais fino e complexo, percebeu que se avizinhava um novo confronto bélico em larga escala, confronto para o qual as democracias não estavam, como se veio a verificar, preparadas.

Abreviando, crise após crise e recuo após recuo das democracias, lembremos o Ruhr, a Áustria, os sudetas e Munique e, por fim, Danzig e a partilha da Polónia, com a assinatura do tratado de amizade germano-soviético por Ribbentrop e Molotov, Hitler foi cimentando a sua posição interna e externa, percebendo as fraquezas das democracias, sobretudo a sua *incapacidade de decisão e de acção*- que leu e não estultamente como pura e simples cobardia -, até ao momento em que sentiu maduro o tempo para atacar de forma definitiva, impedindo, assim, uma solução que evitasse o recurso à guerra. Como se sabe, os primeiros meses de guerra foram de uma eficácia fulminante por parte dos nazis, tendo a Polónia sido submetida em poucas semanas (a “metade leste foi oportunisticamente ocupada pela URSS, como previsto nas cláusulas secretas do Pacto de amizade), sem que as democracias fizessem mais do que formalmente declarar guerra à Alemanha, pouco mais fazendo do que disparar uns poucos tiros de desenfado.

Seguiu-se a famosa “drôle de guerre”, em que Hitler conseguiu, ao mesmo tempo que desmotivava, por causa da sua falta de iniciativa, os combatentes inimigos (que também a não tinham), na frente ocidental, ganhar tempo para transferir da frente leste, para a oeste, e reorganizar as suas melhores tropas de ataque. Chegado o momento oportuno, em 10 de Maio de 1940, a guerra deixou de ser coisa “drôle” para se tornar num pesadelo inimaginado pelos estados maiores do ocidente, privados de iniciativa, de imaginação, de inteligência plástica e de meios materiais ou, quando os possuíam, de meios doutrinais adequados ao novo modo de fazer a guerra.³⁸

³⁸ Exemplo muito conhecido, no que diz respeito à questão doutrinária, na sua relação com os meios materiais, é o da frustração do coronel de Gaulle, defensor de um

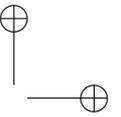
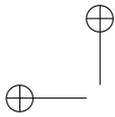


Em poucos dias, os exércitos aliados presentes na frente ocidental foram desbaratados, tendo sido possível salvar apenas, em condições muito precárias e quase sem equipamento, cerca de 350.000 combatentes, evacuados à pressa para as Ilhas Britânicas, a única força treinada existente entre Hitler e o seu triunfo total. Ora, coincidentemente, foi em 10 de Maio de 1940 que Churchill assumiu o cargo de Primeiro Ministro, tendo já desempenhado durante algum tempo, desde o início da guerra, o cargo de Primeiro Lorde do Almirantado.³⁹

As suas medidas foram imediatas e enérgicas, escolhendo para os diversos trabalhos os melhores elementos, mesmo recorrendo aos seus antigos ferozes adversários, como o sindicalista radical Bevin, que con-

uso maciço dos carros de combate, como ariete da progressão do exército, ideia que os seus superiores rejeitaram, mas que foi exemplarmente utilizada pelos alemães (a iniciativa foi de Guderian, o seu estado-maior não aprovou, mas Hitler desautorizou este e deu plenos poderes ao proponente para usar esta nova técnica estratégico-táctica) para, em pouquíssimo tempo (cerca de um mês) derrotar os franceses. De notar que as ideias iniciais sobre o uso de tanques como peças fundamentais no avanço dos corpos de exército são de origem britânica - como a própria máquina -, tendo-se destacado Fuller, que teve a intuição, Churchill, que aprovou, e outros teóricos como Liddel-Hart)

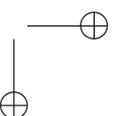
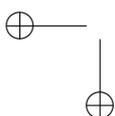
³⁹ As memórias de Churchill sobre os anos da II Grande Guerra estão cheias de pormenores que demonstram o quanto a sua atenção era capaz de se focar não apenas nos grandes quadros e acontecimentos, mas também nos respectivos pormenores, de modo infinitesimal, mostrando que percebia *o quão essencial para o desenrolar da acção como um todo é cada um destes pormenores*, sem os quais não é possível um todo da acção. Tal capacidade não pode não provir senão da experiência pessoalíssima de soldado de campanha e de linha da frente, âmbito e lugar onde qualquer desatenção ao pormenor pode significar, e muitas vezes significa, a morte ou a derrota. Quando era responsável pelo Almirantado, chega a acompanhar a primeira desminagem de um novo tipo de engenho concebido pelos alemães e que tinha sido capturado numa zona intertidal: o pormenor chega ao facto de saber os nomes de todos os técnicos sapadores envolvidos (“Lt.-Commanders Ouvry and Lewis [...] Chief Petty Officer Baldwin [...] and Able Seaman Vearncombe [...]”, *The Second World War*, London, Penguin, 1989, p. 175), bem como o detalhe da manobra. Para quem tinha uma tão grande responsabilidade ao nível mais superior, este domínio da real realidade das coisas não poderia senão ser um excelente auxiliar. Assim se revelou durante toda esta guerra

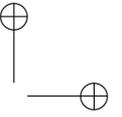
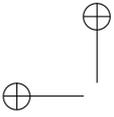


vidou para ministro do trabalho. A sua disposição jovial perante as desgraças que se tinham abatido, baseada na sua imensa *confiança na superioridade moral dos valores que defendia e no modo de vida das democracias*; a sua atitude combativa e activamente resistente, numa fase em que pouco mais se podia fazer do que resistir e preparar uma conduta menos dependente da iniciativa dos inimigos; o bom senso das suas palavras constantemente dirigidas à comunidade britânica e ao mundo; a sua esperança num futuro de luz, no meio de um aparente mar de trevas; o seu grito de “nunca nos renderemos”⁴⁰ tiveram uma importância vital para que o já baixo moral dos britânicos e do chamado mundo livre não descesse abaixo de um ponto de não retorno.⁴¹

⁴⁰ Trata-se do famoso discurso à Câmara dos Comuns, datado de 04 de Junho de 1940, cujo final reza assim: “Even though large tracts of Europe and many old and famous States have fallen or may fall into the grip of the Gestapo and all the odious apparatus of Nazi rule, we shall not flag or fail. We shall go on to the end. We shall fight in France, we shall fight in the seas and oceans, we shall fight with growing confidence and growing strength in the air; we shall defend our Island, whatever the costs may be. We shall fight on the beaches, we shall fight on the landing-grounds, we shall fight in the fields and in the streets, we shall fight in the hills; we shall never surrender; and even if, which I do not for a moment believe, this Island or a large part of it were subjugated and starving, then our Empire beyond the seas, armed and guarded by the British Fleet, would carry on the struggle, until, in God’s good time, the New World, with all its power and might, steps forth to the rescue and liberation of the Old”, *The Second World War*, London, Penguin, 1989, p. 274. Este trecho é muito rico, note-se, apenas, que Churchill sabia bem em que cenário estava, a grandeza quasi-cosmológica do conflito em curso, as promessas que fazia e o modo de as fazer vingar e, surpreendentemente, sabia do poder da América do Norte, poder que, aparentemente, a própria desconhecia ou em que não acreditava. Churchill, como “meio-americano” que geneticamente era, nunca deixou de se interessar pela história dos Estados Unidos da América do Norte, bem como pelo escrutínio da sua real potencialidade económica e militar. Sem que o seu autor o quisesse, este discurso revelou-se politicamente profético

⁴¹ A preocupação com o futuro do mundo livre e, sobretudo, de uma Europa livre (sem quaisquer cortinas, de ferro ou outras) sempre norteou o trabalho de Churchill. Surpreendentemente, data de 21 de Outubro de 1942, altura em que as preocupações imediatas eram esmagadoras, um memorando sobre o futuro da Europa, uma Europa ao modo de Churchill, avançadíssima, mesmo para os padrões actuais: “I must admit





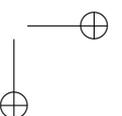
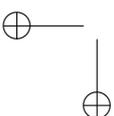
Convém lembrar que a primeira vitória aliada se verificou apenas já no fim de 1942, em El Alamein, tendo o percurso até esta data sido pontuado por sucessivas e esmagadoras derrotas, simbolicamente mitigadas pela entrada dos Estados Unidos da América do Norte no conflito, na sequência de uma penosa e humilhante derrota na batalha de Pearl Harbor, entrada que só teve reais efeitos a partir de 1944, dado que, no fim de 1941, o país de Roosevelt era uma real inexistência militar em termos significativos.

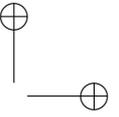
É no seio deste tempo de miséria militar e social que acontece o facto que apresentamos mais detalhadamente como modelo concreto da atitude própria de Churchill, exemplificativa das suas qualidades como chefe em tempo de guerra, mas também notável exemplo da relação necessária que existe na vida dos homens entre o seu *forum* íntimo, privado, estritamente ético, e o *forum*, público, político, em que as suas decisões e acções desaguam.

2. O caso de Ramsgate

Estamos em pleno *Blitz*. Churchill está de visita a Ramsgate. Há um alarme de bombardeamento. Toma-se refúgio num abrigo subterrâneo. Acaba o alarme. Churchill e acompanhantes emergem do abrigo e encontram uma cena, a que já se habituaram, de séria destruição *alietória*.

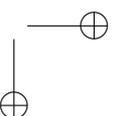
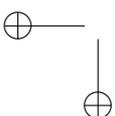
that my thoughts rest primarily in Europe - the revival of the glory of Europe, the parent continent of the modern nations and of civilization. It would be a measureless disaster if Russian barbarism overlaid the culture and independence of the ancient States of Europe. Hard as it is to say now, I trust that the European family may act unitedly as one under a Council of Europe. I look forward to a United States of Europe in which the barriers between the nations will be greatly minimised and unrestricted travel will be possible. I hope to see the economy of Europe studied as a whole. [Ĕ]" *The Second World War*, London, Penguin, 1989, p. 622. Após estas palavras, se se quiser falar em "país da Europa", terá de se falar de um super-pai: Churchill





Entre os demais danos ocorridos por toda a zona atingida, um pequeno hotel, junto do abrigo, tinha sido reduzido a escombros, deixando os seus proprietários e trabalhadores sem ganha-pão. Nada de novo. Mais uma cena entre tantas outras semelhantes. *Mas não para Churchill. A sua intuitividade política permite-lhe perceber o que está em jogo globalmente, integradamente*, para além da mera cena, já vista por muitos como irrelevante, de mais um prédio destruído: os efeitos negativos desta destruição e seu significado político geral. Mesmo não sendo total, a destruição causada pelos sistemáticos bombardeamentos alemães paralizava recursos materiais e, sobretudo, humanos e anímicos fundamentais. Eram estes últimos que faziam a diferença entre perecer ou sobreviver, pois um povo literalmente desanimado é um povo já derrotado. Mas Churchill não se contenta com esta simpática contemplação do mal (alheio e também comum), integrando esta sua nova compreensão no contexto mais vasto das suas responsabilidades e *possibilidades executivas*. Nas suas exactas palavras: “Here is a privilege of power. I formed an immediate resolve. On the way back to my train I dictated a letter to the Chancellor of the Exchequer laying down the principle that all damage from the fire of the enemy must be a charge upon the State and compensation be paid in full and at once. Thus the burden would not fall alone on those whose homes or business premises were hit, but would be borne evenly on the shoulders of the nation”.⁴²

⁴² Dada a importância deste relato, transcrevemos todo o trecho presente nas memórias: “Another time I visited Ramsgate. An air raid came upon us, and I was conducted into their big tunnel, where quite large numbers of people lived permanently. When we came out, after a quarter of an hour, we looked at the still-smoking damage. A small hotel had been hit. Nobody had been hurt, but the place had been reduced to a litter of crockery, utensils, and splintered furniture. The proprietor, his wife, and the cooks and waitresses were in tears. Where was their home? Where was their livelihood? Here is a privilege of power. I formed an immediate resolve. On the way back to my train I dictated a letter to the Chancellor of the Exchequer laying down the principle that all damage from the fire of the enemy must be a charge upon the State and compensation be paid in full and at once. Thus the burden would not fall alone on those whose homes or business premises were hit, but would be borne evenly on the shoulders of the nation. Kingsley Wood was naturally a little worried



Como se pode perceber pela leitura da totalidade do extracto, apesar de todos os riscos económicos, financeiros e políticos inerentes, os resultados obtidos foram excelentes e as previsões de Churchill bem cumpridas. Mas o que nos interessa aqui, e interessar-nos-ia mesmo que esta opção se tivesse tornado num fracasso, é a relação entre o

by the indefinite character of this obligation. But I pressed hard, and an insurance scheme was devised in a fortnight which afterwards played a substantial part in our affairs. In explaining this to Parliament on September 5 I said: "It is very painful to me to see, as I have seen in my journeys about the country, a small British house or business smashed by the enemy's fire, and to see that without feeling assured that we are doing our best to spread the burden so that we shall stand in together. Damage by enemy action stands on a different footing from any other kind of loss or damage, because the nation undertakes the task of defending the lives and property of its subjects and taxpayers against assaults from outside. Unless public opinion and the judgement of the House were prepared to separate damage resulting from the fire of the enemy from all other forms of war loss, and unless the House was prepared to draw the distinction very sharply between war damage by bomb and shell and the other forms of loss which are incurred, we could not attempt to deal with this matter; otherwise we should be opening up a field to which there would be no bounds. If however we are able to embark upon such a project as would give complete insurance, at any rate up to a minimum figure, for everyone against war damage by shell or bomb, I think it would be a very solid mark of the confidence which after some experience we are justified in feeling about the way in which we are going to come through this war." The Treasury went through various emotions about this insurance scheme. First they thought it was going to be their ruin; but when, after May 1941, the air raids ceased for over three years they began to make a great deal of money, and considered the plan provident and statesmanlike. However, later on in the war, when the "doodle-bugs" and rockets began, the accounts swung the other way, and eight hundred and ninety millions have in fact been paid out. I am very glad it is so." CHURCHILL Winston Spencer, *The Second World War, vol. II: Their Finest Hour*, Boston, Houghton Mifflin Company, s. d., pp. 308-309. Salvo as necessárias cautelas historiográficas quanto à veracidade dos testemunhos, este texto manifesta o que parece ser uma autêntica verdade acerca do interesse do autor pelo bem comum da cidade que lhe é dado governar. A tensão princípios privados-aplicação pública também nos parece evidente; como é evidente a boa resolução prática desta mesma tensão. Humano, mas muito "perfeito"



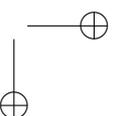
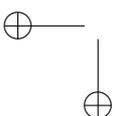
modo interior de alguém ser e as repercussões públicas que tal modo tem. Ora, para esta finalidade, este exemplo é notável.

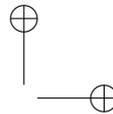
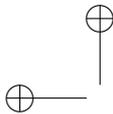
3. O público e o privado em causa neste exemplo

Neste exemplo, tudo é óbvio. Mas tudo é interessante, em termos da relação que aqui nos ocupa. Intelectualmente habituados ou a ler os eventos históricos através apenas das grandes figuras e dos seus grandes actos ou através de um intrincado acumular tendencialmente anónimo de eventos múltiplos, polarizados em impessoais estruturas, esquecemos do verdadeiro tecido histórico, infinitesimalmente entretecido por inúmeros factos, produto de inúmeras acções de todos os homens presentes, sob várias formas,⁴³ no momento do todo da acção que o produz. Assim, mesmo quando se trata de grande figuras - e Churchill é uma das maiores de sempre -, há uma tendência para esquecer os actos aparentemente “menos importantes”, prestando atenção apenas aos “mais importantes”, sem que se preste grande atenção à criteriologia que permitiu esta divisão.

O que o estudo das relações privado-público nos pode permitir é uma nova visão de algo sempre presente, mas muito negligenciado, a relação entre o íntimo dos agentes (a sua vida íntima, nos seus vários níveis e modos, assim sejam acessíveis) e o plano em que agem transcendendo este mesmo nível íntimo. Funciona-se, muitas vezes - senão mesmo sempre -, como se os agentes políticos e, de entre estes, os agentes do poder não tivessem uma outra camada existencial que não a sua pública. Ora, tal é obviamente não verdadeiro, sendo que tem de haver alguma influência entre ambas, em ambos os sentidos. Cada um destes agentes mereceria um estudo aprofundado acerca do modo como

⁴³ A memória é uma das menos óbvias, porque das menos materiais



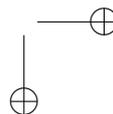
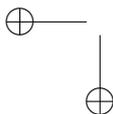


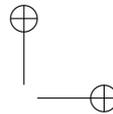
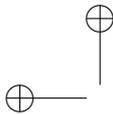
a sua privacidade existencial afecta o seu modo de se comportar no espaço de acção da chamada “coisa pública”. Para o bem e para o mal, estas relações hão-de ter algum carácter determinante, podendo muita luz hermenêutica advir do seu estudo. Objectar-se-á que, deste modo, se está a exercer uma intromissão na vida privada dos agentes. Mas haverá que responder primeiro a estas questões: a) uma figura voluntariamente pública tem direito a uma vida absolutamente privada? b) qualquer figura pública que se ache no direito a uma vida privada absolutamente não escrutinável terá escolhido inteligente e honestamente o tipo de actividade a prosseguir?

É claro que, na realidade, tais extremos puramente teóricos não existem, pelo que qualquer figura pública tem sempre um inalienável e amplo “espaço” de privacidade, tanto mais quanto mais prudente e inteligente for a sua acção pública. Ora, a figura de Churchill também é exemplar neste domínio, dado que sempre soube administrar magistralmente a sua exposição pública, gozando plenamente o seu direito a um espaço privado tão pleno quanto quis. O seu gosto pela transparência possível contribuiu para tal, tendo o próprio tomado o encargo de construir a sua imagem pública, com os exactos conteúdos de transparência de vida privada necessários para preservar esta mesma. Assim, sabia-se o que Churchill queria que se soubesse, parecendo haver um máximo de exposição pública, sem que, no entanto, a parte privada da vida ficasse indevidamente exposta.

Nem poderia ser de outro modo, para quem queria criar uma vida de serviço público e de engrandecimento pessoal por meio deste mesmo serviço público: para que tal pudesse funcionar, Churchill tinha que se mostrar às pessoas, mostrando o essencial, o necessário, mas não se derramando mais do isso mesmo. Durante cerca de setenta anos, este equilíbrio foi administrado de um modo que poderia ser tomado como paradigmático por qualquer publicista ou gestor de imagem.

É este homem prudente na admistração da relação em estudo que encontramos em Ramsgate. É este homem, que sabe perfeitamente dominar a relação entre o que pensa e o que pode e deve fazer, que toma





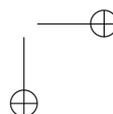
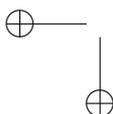
a decisão em apreço. Não se trata de seguir impulsos irracionais, de se fazer passar por “amigo do povo” com finalidades propagandísticas, mas de seguir, auto-arbitrando-se superiormente, o sentido das intuições que naturalmente afluem e se manifestam ao espírito, parte mais privada do homem, operacionalizando-as ou não, não segundo as inclinações privadas - tirano -, mas *segundo o interesse do e o cuidado com o bem público, bem comum* necessário à existência da cidade.

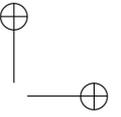
Aqui, tocamos o ponto essencial: *a relação privado-público em Churchill é ditada*, mesmo desde uma idade muito jovem, *pelo supremo interesse do bem comum*. Bem que, não nos enganemos, é também o bem de Churchill, mas não exclusivamente, mas não fundamentalmente. Se há um desejo e uma vontade de triunfo e de engrandecimento pessoal em Churchill, e há, nunca é perseguida contra o bem comum (salvo erro, sempre possível), mas de acordo com ele. O que distingue Churchill de um vulgar tirano - para o que estava mais do que bem dotado - é este indefectível interesse pelo bem comum, bem *de todos*.

O caso de Ramsgate explica-se, assim, pelo *interesse de Churchill pelo bem comum*, nesta ocorrência com risco do bem próprio, dado o elevado risco da medida que decidiu tomar. Este caso é exemplar de muitos outros na vida deste homem. Mas é sobretudo paradigmático do modo como *a relação privado-público é essencial, é substancial, é decisiva*: outro Primeiro-Ministro, possível e provavelmente outra decisão, isto é, outra constituição íntima-privada de outra pessoa, outra decisão. E é sempre assim, como intuitivamente se poderá perceber, dado que é impossível fazer o estudo concreto enumerativo-exaustivo.

Churchill funciona como paradigma encarnado da necessária relação entre as esferas do público e do privado. Paradigma positivo, tanto quanto é humanamente possível. Como paradigma negativo, em interessante coincidência cronológica e histórica, encontramos Hitler: os seus pequenos grandes sonhos de frustrado, as suas manias de eleição tiveram uma importância pública de tal modo óbvia que é inútil qualquer nova consideração a este respeito.

Sendo assim, *a relação estudada* por este seminário de estudos





avançados não é mais uma relação, entre outras, ou mais um modo de ver uma qualquer relação, entre outros, mas *a relação fundamental e fundante da própria existência humana, no que esta tem de transcendência de um puro plano de intimidade privada (em seus vários níveis) para um plano de publicidade, o do convívio com as outras privacidades em transcendência política*. Assim nasce a *polis*, que pode ser vista como o conjunto activo das transcendências das diferentes privacidades, no plano horizontal de uma mesma humanidade.

4. Conclusões

Como conclusões, podemos afirmar, em resumo, que a) o caso estudado nos permite perceber o modo como a esfera privada determina necessariamente a esfera pública e é por esta também necessariamente determinada, isto é, não há uma estanquicidade entre as duas, determinando uma a outra, mesmo em algum do detalhe; b) a relação privado-público é uma relação fundante da experiência humana quer no que diz respeito à constituição da esfera interior de cada homem quer no que diz respeito à construção da cidade, por causa de a). Estudar esta relação permite compreender melhor a etiologia dos actos políticos de todos os homens. Se usada não apenas analepticamente, mas prolepticamente, pode ajudar a escolher os que eventualmente são os melhores para o governo da cidade. Esta última conclusão comporta uma modificação profunda no modo de “fazer política”, obrigando os “candidatos” a uma maior transparência pessoal, para um melhor escrutínio do que são, não apenas como imagem pública, mas como o todo integrado que realmente são.

